

INFERNO EM DIGESTÃO: A TERRA SONÂMBULA DE MIA COUTO E DE OUTROS MOÇAMBICANOS

HELL IN DIGESTION: A SLEEPWALKER LAND MIA COUTO AND OTHER MOZAMBICANS

INFIERNO EN LA DIGESTIÓN: UNA TIERRA SONÁMBULA MIA COUTO Y OTROS MOZAMBIQUEÑOS

*Renato Alessandro dos SANTOS**

*“Aqui nadie se queda inmóvel. Mi pueblo es
movimiento. Mi pátria es um camino.”*

(Pablo Neruda)

“Do rio que tudo arrasta

Se diz que é violento

Ninguém diz violentas

Às margens que o cerceiam”

(Bertolt Brecht, *apud* Tuleski, 2010)

Olhando para trás, lá se vão 24 anos. “Terra sonâmbula”, romance de Mia Couto, tem essa idade – praticamente o mesmo número de anos que sinalizam o fim da guerra civil de Moçambique, em 1992. Vida difícil a dos moçambicanos. Não bastasse a independência tardia (1975), encerrando a fase de guerra anticolonial, o país entrou em outra batalha, interna, a guerra civil que, de 1976 a 1992, deixou o chão e a vida esburacados. Luta necessária, amplamente mortífera, e que assinala um período em que um tardio império decadente não mais estenderia suas mãos para pilhar e para fazer sofrer aqueles que, além-mar, viram-se enredados numa máquina lusitana que perdeu a sincronia com a máquina do mundo. Duro é compreender que finda a luta pela independência, de 1965 a 1975, contra aqueles que vieram com a língua de fora, começaria outra contra aqueles que, do lado de dentro, não se compreendiam nação uma,

* Professor do curso de Letras do Centro Universitário Moura Lacerda, de Ribeirão Preto, SP. Fez doutorado em estudos literários na UNESP, de Araraquara, SP. É editor do site *Tertúlia*, onde uma primeira versão desta resenha foi publicada. Contato: realess72@gmail.com.

surdos que estavam à diversidade de línguas que demarcam territórios e que expuseram uma cizânia, uma ferida que indicava que o ódio e a intolerância ainda tinham muito a dizer a Moçambique.

E a literatura, o que tinha ela a falar sobre tudo isso?

Uma boa resposta está em "Terra sonâmbula", um dos 12 livros africanos mais admirados do século 20. "Nele", afirma a professora Carmen Lucia Tindó Ribeiro Secco, "as histórias entrançadas constituem-se como uma rede poética que dá a resposta da literatura à crise político-social por que passa Moçambique" (2000, p. 277).

E que resposta: política e literatura de mãos dadas, levantadas do chão.

Primeiro, repleta de sinais de uma guerra recente, a estrada por onde passam dois personagens que levam o leitor travessia adentro. Os sinais: carros incendiados e retorcidos, pessoas mortas e carcomidas a servir de pasto a aves de rapina; sem comida, sem futuro, sem sonhos. A terra está sonâmbula.

Depois, esses personagens que, no romance, fazem a diferença e indicam o desenrolar do enredo. Dois. Um velho e um menino: Tuahir e Muidinga. Duas gerações a abrir a estrada para seguir adiante. A tradição e o porvir. O menino perdeu voz, dignidade, esperança, mas o velho ajuda-o a reencontrá-las, e partem, até porque não há outra coisa a fazer a não ser manter-se em movimento. Caminham os dois e, de repente, veem um machimbombo abandonado, uma espécie de micro-ônibus que servirá como uma âncora aos dois, âncora para regressar, âncora temporária a amortecer as agruras da estrada. Mas o que é aquilo ali? Ali está o que restou de um homem e, anexado a ele, uma mala. É preciso enterrar o corpo, e eles assim o fazem; é preciso ver o que há dentro daquela velha mala e, ao abri-la, o que o menino encontra são onze cadernos, escritos por Kindzu, terceiro personagem que, fugitivo também, será uma espécie de bálsamo para a travessia de Tuahir e Muidinga, porque nesses apontamentos os dois encontrarão o sonho que parece inexistir na terra sonâmbula.

E vai assim, um livro dentro do outro, em abismo. Muidinga descobre que sabe ler, algo que julgava perdido, e, levantando a voz, narra para Tuahir, cego para as miçangas das letras, a biografia

misteriosa de Kindzu, cuja vida também é marcada pelo movimento pícaro da estrada e pelas investigações oníricas que engendra.

Kindzu é filho de um pescador, o velho Taímo. O pai não compreende que o filho tem de ir embora de sua terra, e o menino não entende o porquê da ojeriza do patriarca. Conflito de gerações – conflito marcado por duas visões contrastantes: o filho acredita que a resposta está lá fora, enquanto o pai não o perdoa por fugir e escapar de onde nascera. Eis o sal da terra. Kindzu parte, bem como o pai, que resolve ir para o além-mar que separa o mundo dos vivos e dos mortos. Longe de casa, o rapaz espera encontrar os naparamas, guerreiros que estão mais para lá do que pra cá, isto é, que têm lá seu quinhão no mundos dos mortos e, por isso, representam a tradição de heróis que podem recuperar a grandeza da terra para seu povo.

Parte Kindzu, e seu pai, vez ou outra, surge para lhe iluminar ou apagar o caminho, pois o velho – no mundo dos mortos – ainda não o perdoou. E estrada afora, o passado do país é reacendido pela voz do filho, que, estrada adentro, reencontra ancestrais capazes de resgatar o fio da memória tão severamente obliterado pela assimilação lusitana, isto é, pela borracha que os portugueses esforçaram-se em usar a fim de apagar a memória popular. Assim, emergem estórias capazes de ilustrar a cisão entre o mundo real e o mundo dos sonhos, espelhados pela narração em primeira pessoa de Kindzu e contrastados pela terceira pessoa do narrador, que apresenta a realidade em ruínas, em carcaças, em destroços que povoam a estrada de Muadinga e Tuahir.

É essa voz de Kindzu – aliada à narração onisciente – que resgata o saber africano dos anciãos, bem como a identidade perdida durante o processo de colonização português. Em seus cadernos, a poesia resgata os laços do passado, trazendo ao encontro do leitor a memória do tempo perdido: o canto do galo mimético e independente de Vinticinco de Junho, ou Junho ou Junhito; a perseguição de Nhamataca por rios, à espera de vê-los brotar da terra; as velhas em transe que em busca de gafanhotos parecem ecoar um canto ranzinza de cigarras; o velho português Romão Pinto e sua esposa, a africana Virgínia, personagens que carregam no nome o fardo da colonização; a mulher que em busca do filho ocupa a carcaça de um velho navio ancorado, repleto de mantimentos que apodrecem à revelia de uma população faminta; o discurso contrário ao etnocentrismo europeu, do

indiano Surendra Valá, em que denuncia o preconceito a outras raças (“O indiano mais sua nação sonhada: o oceano sem nenhum fim”, 2007, p. 200). Essas e outras estórias são costuradas na narrativa, enquanto do outro lado do espelho os dois personagens servem-se delas como aqueles que, na oração, encontram força para escapular de uma vida rasteira e seca.

É assim, nesse diálogo entre o passado e o presente, entre o imaginário e a realidade, que “Terra sonâmbula” encontra, por meio da literatura, o caminho por onde os moçambicanos têm de seguir adiante, estrada afora, vida adentro, como um metrônomo que regressa ao passado para, no presente, parafraseando Brecht, seguir como o rio que vai engolindo tudo pela frente, a despeito das margens que o oprimem.

Referências

TULESKI, Silvana. Editorial. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 15, n. 2, p. 233-234, abr./jun. 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pe/v15n2/a01v15n2.pdf>>. Acesso em: 09 jul. 2016.

COUTO, Mia. **Terra sonâmbula**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

NERUDA, Pablo. Disponível em: <http://www.ich.pucminas.br/posletras/Nazareth_panorama.pdf>. Acesso em: 09 jul. 2016.

SECCO, Carmen Lucia Tindó. Mia Couto e a incurável doença de sonhar. In: SALGADO, M. T.; SEPÚLVEDA, M. do C. (Org.). **África e Brasil: letras em laços**. Rio de Janeiro: Atlântica, 2000.

Recebido em: 11 de julho de 2016

Aceito em: 31 de julho de 2016